

EDUCAÇÃO FÍSICA E POESIA NA ESCOLA:

DIALOGANDO UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O LIVRO

MENINO DO MATO, DE MANOEL DE BARROS

MS. CLÁUDIO MARQUES MANDARINO

Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul
Professor de Educação Física da Rede Municipal de Porto Alegre
Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo | O objetivo deste trabalho é mostrar como o conteúdo do livro *Menino do Mato*, do poeta Manoel da Barros (2010), estabelece um diálogo com uma experiência pedagógica na Educação Física escolar. É uma obra que apresenta poesias a partir do pensamento infantil, mostrando como se dá a compreensão de mundo na infância. A partir de brincadeiras infantis e desenhos, explorando os seus sentidos poéticos, a experiência pedagógica se potencializa com o livro. As poesias convidam a interpretar o pensamento poético e a ressignificar a perspectiva do cotidiano das aulas.

Palavras-chave | Poesia; Educação Física escolar; Infância.

INTRODUÇÃO

A proposta deste relato de experiência é dialogar com o livro *Menino do Mato* do poeta Manoel de Barros (2010). Este é um viés que a poesia nos empresta para sublimar sua potência no momento em que a obra poética se liga a uma experiência pedagógica. O livro fala do próprio autor e de como ele se permitiu ser inundado por palavras carregadas de sentidos do pensamento infantil. Portanto, esses sentidos permitem estabelecer vários diálogos com quem trabalha na educação, trazer outras ideias que inuntem as diversas ações experimentadas no contexto escolar e, aqui,

particularmente, no decorrer de um ano letivo numa escola pública municipal da periferia de Porto Alegre, como uma poética pedagógica.

Esta proposta encontra uma aproximação com o estudo de Vago (2010), quando utiliza a novela de João Guimarães Rosa *Miguilim* para pensar as raízes crianceiras. Vago (2010), na introdução, esclarece que, na literatura de João Guimarães Rosa, existe uma possibilidade de aproximação das histórias de infâncias e brinquedos que dialogam com a Educação Física escolar e outros brincades. Outro encontro que resgato aqui se refere ao estudo das obras de Portinari em que Loureiro, Cruz Junior e Silva (2011) destacam no artigo que traz uma experiência interdisciplinar entre a Educação Física e a Arte na Educação Infantil. Ambos os estudos apresentam um campo de olhares e emergências para refletir sobre a infância e ressignificar as práticas pedagógicas no contexto escolar.

Ao caminhar nessa direção, o que se pretende aqui é mostrar a possibilidade de praticar o livro *Menino do Mato*. Praticar é entendido aqui como a experiência de utilizar aquilo que o livro carrega de potência, para ser relacionada com a intervenção pedagógica da Educação Física escolar. No referido livro, o poeta trata não só da infância. Parece tratar, também, da sua infância, uma infância que o ensinou a brincar com as palavras, ou então a desbrincar com a seriedade. O tempo inútil que poderia ser a infância e aquilo a que a criança é sujeitada no seu pensamento aparece quando ele escreve a seguinte poesia: “*Eu sabia que as coisas inúteis e os homens inúteis se guardam no abandono/Os homens no seu abandono. E as coisas inúteis ficam para a poesia*” (p. 91). Ou então, quando diz, “*Invento para me conhecer*” (p. 27). As sutilezas destas duas poesias poderiam ser posicionadas num lugar em que se conhece aquilo que o autor faz com o seu pensamento, sendo um educador.

Olhar Manoel de Barros como alguém que ensina não é uma novidade se formos nos remeter ao documentário sobre o próprio poeta (CEZAR, 2009), em que são entrevistadas pessoas que se inspiram nas suas poesias para explorar a imaginação, tal como o artista Paulo que criou com sucatas uma “*fivela de prender o silêncio*”, ou então um “*esticador de horizontes*”, um “*aparelho de ser inútil*” e até deu forma

“*a um abridor do amanhecer*”. Barros é um educador porque, ao fazer poesias sobre si mesmo, de alguma forma ele nos ensina a pensar sobre como os tempos da seriedade escolar desvalorizam momentos em que as crianças parecem estar fazendo nada de importante, até mesmo quando se inventam brincando. Ele nos ensina a ler o que as crianças dizem não pelo seu erro, já que o erro na linguagem pode ser compreendido como um acerto na poesia (ibidem, 2009). Numa entrevista para Ana Cecília Martins, ao ser indagado se foi com Rimbaud que descobriu a mistura dos sentidos, respondeu o seguinte:

Aprendi com as crianças por primeiro que a mistura dos sentidos dá poesia. Ouvi de meu filho certo dia: “Pai, eu escutei a cor de um passarinho”. Outra vez, por ler o Correio Brasiliense, encontrei lá esta joia falada por uma menina de 7 anos: “Borboleta é uma cor que voa”. Veio Rimbaud e consagrou: “Je fini par trouver sacré le désordre de mon esprit”. Pois a desordem das palavras em poesias não é a sagração? (MARTINS, 2005, p. 14).

Ler esse livro e aquilo que o seu autor poetiza é identificá-lo fazendo uma experiência do brincar com as palavras, do brincar da infância.

Essa obra de Manoel de Barros apareceu no momento em que as experiências pedagógicas que desenvolvia com uma turma (A21) de primeiro ciclo do ensino fundamental, no ano de 2011, com crianças entre sete a nove anos, eram ressignificadas com a entrega de poesias (foram entregues 37 poesias no decorrer do ano letivo) a cada aluno na semana posterior ao conteúdo trabalhado. Nesse sentido, deixou-se os alunos brincarem de pular elástico durante duas semanas, depois passaram um mês pulando corda, veio em seguida o avião de papel e por quase três meses ficaram pulando amarelinha. Juntamente com isso, as crianças também representavam a partir de desenhos, falas e pela escrita aquilo que era mais significativo na aula trabalhada. Os objetivos da proposta eram: a) explorar os elementos da cultura corporal de movimento humano relacionados ao jogo; e, b) expressar as suas ideias/poesias das aulas de Educação Física através de desenhos, falas e códigos da escrita. A turma tinha três períodos semanais de aula. Para garantir os objetivos previstos,

a decisão metodológica foi de trabalhar isoladamente e, de acordo com essa ordem, os conteúdos previstos. Nesse sentido, o professor comprometeu-se a escrever, ler e entregar uma poesia por semana, a cada aluno, que tratasse do conhecimento desenvolvido anteriormente. Abaixo destaco uma delas:

DESENHANDO A POESIA. Desenhando no chão, que alegria./ O chão, pisado pela poesia./ Com desenhos e a palavra que lia,/ numa letra que sorria./ O chão de tudo agradecia,/ aquilo que a aluna dizia./ Copiando o desenho que fazia,/ o giz, brincando de pintura./ A corda pula com o pezão,/ voando em círculo junto à mão./ Fugindo da corda acordarão,/ o corpo no gesto de pulão. A trilha, passagem e saltos a contar,/ da corda, cobra a se transformar./ A nova brincadeira a chegar,/ do elástico lembrando de brincar. (POESIA DA AULA 9)¹

Outro procedimento utilizado foi o registro ao final da aula em sala, em que eram entregues folhas de papel para que os alunos desenhassem aquilo que tinha sido mais significativo naquele dia. Nesse momento, o professor perguntava aos alunos, individualmente, o que o desenho queria dizer, e no mesmo papel escrevia a ideia que foi dita. Posteriormente, muitos alunos passaram a ter mais autonomia nessa atividade. No momento em que os registros começaram a acontecer, o professor adotou a estratégia de escrever, imprimir e entregar para cada aluno as ideias/poesias que tinham feito. Isso permitiu que os alunos passassem a procurar o professor para dizer que também tinham uma ideia para escrever. Destaco a seguir algumas delas que apareceram nos desenhos:

Brincando de elástico./ Brincando tri alegre ISA (A 21); Brincando/ Correndo com o pezão,/ que não escutou,/ não estourou,/ o elasticão. CRI (A 21); Hoje foi um dia muito bom,/ a gente brincando/ de pular corda/ depois pulou 10/ eu e a Ka,/ escrevendo quem faz. GABI S. (A 21); Trilhando/ Pulando corda. JE (A 21); Eles pulando corda de dupla. VAN (A 21).

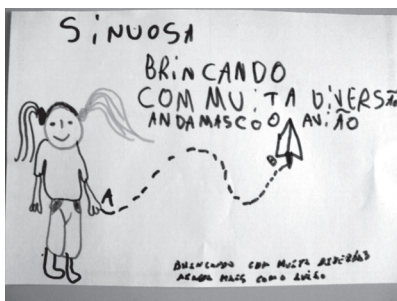
1. Poesia escrita pelo autor do artigo.



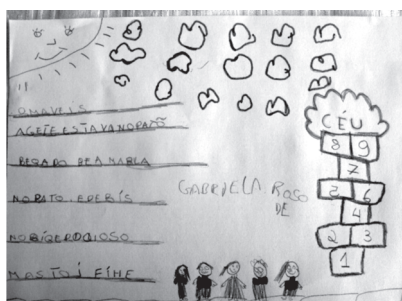
Exposição (Varal de Desenhos)



Cópia no chão do desenho da aula.



Desenho, poesia e trajetória do avião.



Desenho e registro escrito da aula.

Com os desenhos e os seus registros, foi organizada no interior da escola (Pátio Coberto) uma exposição dos trabalhos (Varal de Desenhos). Cada aluno fazia o papel de mediador com os visitantes das outras turmas que passavam por ali. Seguindo a ideia de refletir sobre o que era feito na aula, algumas vezes a turma A21 foi conduzida à sala de informática para observar, no projetor, os registros icônicos e fílmicos das aulas (era utilizada uma câmera fotográfica para garantir esse propósito). Posteriormente, elaborou-se um vídeo sobre o avião de papel, e depois foi oferecido um DVD para cada um dos pais/responsáveis, durante a entrega das avaliações. As estratégias envolviam diferentes artefatos para ressignificar as aulas de Educação Física. Como um instrumento de auxílio ao professor, para trazer outros elementos para interpretar a sua prática, a obra do poeta Manoel de Barros foi extremamente significativa. Portanto, o livro ajudou na forma como o professor poderia ampliar o diálogo com

a experiência pedagógica das poesias. Esse trânsito com a Educação e a Educação Física escolar lhe dá outro estatuto de ser uma obra importante aos/às educadores/as que estão atentos para esses sentidos presentes na infância. Porém, mais do que explorar a lógica que resgata as passagens poéticas e o que elas remetem à infância, passo a trazer um outro componente, identificando que as poesias do livro permitem que se elaborem outras poesias em relação aos cotidianos vivenciados na Educação Física escolar. É nesse lugar que localizo o autor como um educador. Assim, o livro pode ajudar numa reflexão sobre práticas pedagógicas, em que naquele momento se produziu uma experiência individual difícil de ser capturada por todos os sentidos dados por cada criança, mas que de alguma forma permitiu sua inscrição num lugar da Educação Física e na infância. Na esteira poética de Manoel de Barros, escrevi para mim mesmo: “Olho para as crianças na quadra, no pátio/ Quantas invenções consigo mesmo o brinquedo conhece?/ A bola, a bola de gude, a corda, o elástico, e o avião de papel, se inventam com estas ideias”. Nessa poesia, a forma de escrever estava carregada de uma influência que o livro de Manoel de Barros permitia. Essa inversão do olhar permitiu que eu ficasse mais atento a certas falas e escritos das crianças, como por exemplo, “Fiz de giz”, ou então: “Primeiro estava pulando amarelinha, depois achei uma pedrinha”; “Pulei amarelinha/ foi muito bacaninha”; “Brincando com muita diversão:/ ainda mais com o pezão”. Falas de alunos que diziam vir para a escola e no caminho ficavam procurando uma pedra para jogar amarelinha, ou então que o seu pai tinha pintado no pátio de sua casa o diagrama da amarelinha, foram fatos que mostravam o quanto a proposta das aulas estava sendo significativa para os escolares. Estas eram potencialidades que se apresentavam em relação às respostas que as crianças davam.

POTENCIALIDADES DE DIÁLOGO COM O LIVRO

O livro está dividido em duas partes e nesta seção pretendo explorá-las mostrando como cada uma delas permite um diálogo com os escritos que fiz a partir do cotidiano escolar da Educação Física, tendo como foco as reflexões sobre a questão da infância. Em cada um dos momentos do livro, as

poesias se remetem à infância do poeta criança, indicando como ele olhava e traduzia o mundo ao seu redor. Nelas, Manoel de Barros mostra um modo de interpretar o mundo ao seu redor, no tempo da infância. Depois reflete: “Escrever o que não acontece é tarefa da poesia” (p. 31). Foi na sinuosidade desse caminho que comecei a escrever outras poesias para as aulas de Educação Física, pois até então elas não estavam sendo influenciadas por esse lugar em que se posicionava o pensamento infantil. A potência do livro está na sua abertura em estabelecer uma reflexão em relação à Educação Física escolar e em como permite uma tradução para que o livro se pedagogize a partir de determinados investimentos feitos para os/as estudantes no momento em que mostrava a eles/as um olhar possível, que muitos/as o faziam a partir de desenhos daquilo que tinham vivenciado nas aulas.

Na primeira parte do livro *Menino do Mato*, Manoel de Barros inicia escrevendo sobre aquilo que esteve presente na sua formação e que ajudou na sua sensibilidade para perceber que o pensamento de sua infância era uma forma poética para dar sentidos ao universo que o cercava: “*Ai a gente brincava de brincar com as palavras*” (p.9). Ler essa poesia é pensar no pensamento de uma criança e em como ela vai cartografando o seu mundo nas experiências que envolvem as “inutilidades” e, como destaca Vago (2010), de suas raízes criancieiras. Muitos elementos de lugares, sabores, imaginação, olhares, movimentos, ócio, infância, natureza, tempos, espaços etc. compõem aquilo que se passa nessa poesia. Poesia que, se quisermos, pode nos deslocar numa reflexão sobre aquilo que produzimos nas nossas práticas pedagógicas e tentar perceber quantas possibilidades para interpretar o universo da Educação Física estão postos aos/às alunos/as. Essa produção de sentidos contribui nos seus momentos de tempo livre, pois muitas vezes os/as alunos/as chegaram nas aulas comentando que ficaram pulando corda em casa com os olhos fechados, pulando com um só pé, pulando elástico com amigos ou brincando de “cavalo maneado”². Mesmo sendo algo difícil de ser dimensionado, percebe-se

2. Um resultado que apareceu foi o seguinte: os alunos cruzavam a corda nos tornozelos, amarrando-as nas suas extremidades e deixavam um espaço pequeno para que a

o movimento que acontece no pensamento das crianças. Numa distância de tempo e de vivências com o que acontece nas aulas de Educação Física, Manoel de Barros nos escreve sobre seus tempos “crianceiros”, no livro, a partir de um mundo que o cercava e deixou essas possibilidades para registrar as suas experiências, que posteriormente explora de forma poética. Em geral, não fazemos isso e nem interpretamos essas situações que as crianças nos trazem de suas experiências, mas o poeta explora isso no seu livro e, nesse sentido, nos ensina algo. Deixa uma aprendizagem sobre as potencialidades que acontecem no universo infantil.

Na segunda e última parte do livro, nomeada como *Caderno de Aprendiz*, o poeta começa com várias poesias curtas, que no seu decorrer passam a apresentar uma imaginação que parece não encontrar limites nas palavras. São poesias que permitem uma inspiração para quem pretende explorar essa contemplação de uma criança brincando, como é possível perceber a seguir: “*A maneira de dar canto às palavras o menino aprendeu com os passarinhos*” (p. 53). Parece estarmos diante de uma criança que se preocupa menos com palavras e os sentidos que passam a ter quando colocadas juntas, e que se deixa aprender com aquilo que parece ser um universo de imaginação. Mas ao ler essa poesia também pensei em usá-la como ideia, lembrando-me das crianças utilizando a corda e fazendo com que as poesias a serem escritas e entregues aos/às alunos/as ficassem assim: “*A maneira de dar alegria ao corpo a criança aprendeu pulando numa corda em que o sorriso estava alargado pela trilha*”.

Como foi entregue para os alunos durante as aulas de avião de papel (O pensamento/ sai da ideia/ empurrado pela mão/ deslizando à vontade/ vai voando/ e brincando/ pensamento brinçalhão.), na perspectiva de Manoel de Barros, isso poderia ser traduzido da seguinte forma: “*Olhando um papel dobrado/ Voando/ A criança dobrou seu pensamento/ Para pegar carona na imaginação*”. Daí em diante comecei a fazer esse exercício sobre

passada fosse dada e saíam correndo pelo pátio da escola. Era uma representação das experiências que tinham fora da escola.

muitos outros momentos acontecidos, e isso abriu um campo exploratório de ideias que não encontram uma territorialização para limitar as possibilidades. Esses poemas só foram possíveis porque o livro de Manoel de Barros se apresentou e eu me permiti seguir na direção de um movimento que antes não estava acontecendo nos escritos de poesias com rimas e métricas. Foram exercícios poéticos que fiz e ajudaram a modificar certos olhares e práticas desenvolvidas; foi uma guinada que a leitura do livro me permitiu e que deixa a qualquer leitor uma liberdade de possibilidade criativa. Num momento do livro aparece uma poesia em que o corpo é contemplado assim: “*Eu só faço travessuras com palavras. Não sei nem me pular quanto mais obstáculos*” (p. 29). A partir desse trecho, fiz a seguinte tradução para os momentos em que as crianças, ainda num processo individual da construção dos códigos da escrita, desenhavam a aula de Educação Física: “Como não brincam com as palavras as crianças sublimam nos desenhos”. O desenho é algo que acompanha o poeta ao mesmo tempo em que escreve suas poesias e comenta: “*Poesia é um desenho verbal da inocência*” (p.67). Naquilo que Figueiredo (1991) chama de desenho do braço solto, ou seja, aquele que deixa o seu braço solto para sair riscando no papel, despreocupando-se com a estética, para explorar as experiências vividas. Destaco a seguir outros registros escritos feitos com os desenhos dos alunos:

Brincando com muita diversão/ ainda mais com o avião. ALU (A 21). Eu jogando avião/ fazendo toda a volta/ e eu fiquei correndo/ para trás. SAN (A 21). O avião fazia um monte de voltas. CA (A 21) Todos brincando/ com os aviões. VAN (A 21). Os aviões voando na quadra. MAR (A 21). Coração de balão./ Estes aqui são os aviões. ELI (A 21). Rodinha de ovo gigante. CA (A 21).

Os escritos dos alunos me remetem à entrevista que Manoel de Barros concedeu a Ana Cecília Martins, em que responde como aprendeu com a desordem das palavras a fazer uma mistura de sentidos, assim como o artista com as suas sucatas. Portanto, estar diante desse livro e usá-lo (praticá-lo) lhe dá o estatuto de ser um excelente artefato pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo com o livro de Manoel de Barros nos permite diferentes escolhas para explorá-lo. Basta que queiramos fazer uso do seu artefato poético como uma possibilidade e aproximação de concepções de infância e práticas pedagógicas que nos deparamos, tanto no espaço acadêmico, como no cotidiano escolar. Ao não ficar restrito a um reducionismo disciplinar, entendo que o livro não pertence somente a uma área de conhecimento específico, pois apresenta uma potencialidade para dialogar com outros campos do saber, como o da Educação Física escolar. Nesse sentido, quem tiver o contato com essa leitura terá uma oportunidade para ampliar a compreensão dos sentidos que este componente curricular específico produz nas experiências presentes na formação de crianças.

Portanto, encerro comentando que o livro se apresenta como uma obra de arte. Uma obra de arte que não pode ser traduzida somente por um olhar e, sim, por múltiplas lentes que encontrarão outros ângulos, que podem ter escapado neste diálogo e que mostram que o que foi escrito aqui não parte de uma visão conclusiva, mas que está aberto a novas abordagens de análise.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010.

CEZAR, P. *Só pez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros*. Direção: Pedro Cezar. Produção: Pedro Cezar, Kátia Adler, Rafaela Treuffar, Lully Villar. Elenco: Manoel de Barros; Bianca Ramoneda; Joel Pizzini; Paulo Giannini; Adriana Falcão; Fausto Wolff. Roteiro: Pedro Cezar. Música: Marcos Kuska Cunha. Produzido por Vito Produções, 2009. 1 DVD (81 min). Documentário.

FIGUEIREDO, M. X. B. *A corporeidade na escola: análise de brincadeiras jogos e desenhos de crianças*. Porto Alegre: Educação e Realidade Edições, 1991.

LOUREIRO, W.; CRUZ JUNIOR, A.F.; SILVA, E.A. Educação física e artes: trabalhando na Educação infantil de maneira interdisciplinar. *Cadernos de Formação RBCE* 3, Florianópolis, v. 2, n. 1, jan. 2011.

MARTINS, A.C. A prática poética da infância. In: BIBLIOTECA NACIONAL. *Poesia Sempre*. Dossiê Manoel de Barros. Edições Biblioteca Nacional, 2005, v. 13, n. 21.

VAGO, M.T.. “Raízes crianceiras”, históricas de “brincação”: uma exploração de brincares em Miguilim. *RBCE*, Campinas, v. 31, n. 2, p. 171-185, jan. 2010.

Recebido: 26 novembro 2012

Aprovado: 03 janeiro 2013

Endereço para correspondência:

Cláudio Marques Mandarin

Av. Cristóvão Colombo, 4105, bl. C, apto. 1402

Floresta

Porto Alegre - RS

CEP: 90560-005

mandarino@unisinos.br